

A U R E V O I R ,
C O P A C A B A N A

Marlos Bittencourt

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

1

FAZIA MUITO CALOR naquele fim de tarde no Rio de Janeiro e o professor de história Paulo Bandeira voltava da praia para casa. Morava num casarão de dois andares na rua Maracanaú, próximo à estação do metrô Cardeal Arcoverde, em Copacabana, e frequentava o mar em frente à rua República do Peru. No calçadão, na avenida Atlântica, resolveu parar num quiosque e sentou-se na única mesa disponível para beber água de coco. Protegido por um guarda-sol, admirava as belas mulheres que desfilavam de biquíni sobre as pedras portuguesas que margeavam a orla. Turistas aproveitavam para fotografar o pôr do sol e outros pagavam para serem fotografados diante das esculturas de areia. Depois de um dia com sol abrasador, a temperatura continuava alta e os bares, do outro lado da avenida, começavam a ficar cheios, com gente de todos os tipos consumindo litros de chope.

Ao longe, Paulo via alguns garotos chegando para a final do campeonato de futebol de praia. A partida seria disputada entre times do bairro: Liverpool contra a equipe do morro Pavão-Pavãozinho. A garotada estava animada e não tirava os olhos do troféu que iria para as mãos do campeão. A taça para o segundo colocado, de tamanho bem inferior, nem sequer era notada. Centenas de torcedores, vestidos com as cores de

ambas as equipes, cercavam o campo de areia. A animação contagiou o professor, que se levantou para assistir ao jogo. Freqüentador daquele pedaço de praia, ele se juntou aos torcedores do Liverpool, onde jogava o filho de um dos seus amigos de infância, Sergio Montenegro. Ficou de pé ao lado da pequena multidão e vibrava a cada lance de perigo contra o adversário. Conseguiu avistar Sérgio, conhecido como El Calvo, do outro lado do campo e acenou para ele, que fez um sinal para se encontrarem logo após a partida. O placar estava 0 a 0 e o árbitro marcou pênalti quase no fim do jogo para o time do Pavão-Pavãozinho.

O camisa 10 se preparou para a cobrança e chutou forte, no canto, para fazer 1 a 0. Logo em seguida terminou a decisão, o Liverpool ficou com o segundo lugar e a multidão se dissipou. El Calvo entregou o filho para a sua mulher e avisou que não iria para a casa porque conversaria um pouco com Paulo. Vendo o menino triste por causa da derrota, ela condenou a atitude do marido e reclamou, dizendo que ele não passava de um beberrão e que nunca estava por perto quando o filho mais precisava. Conhecendo a mulher que tem, El Calvo retirou algumas cédulas da carteira e deu a ela, que, no mesmo instante, se calou. Paulo Bandeira olhava o casal de longe. Quando a mulher do amigo atravessou a avenida Atlântica puxando o filho pela mão ele se aproximou e lamentou o resultado. Mas El Calvo, que não se interessava por futebol, deu de ombros para o placar. Ele tinha ido ao jogo apenas por causa do menino.

— E aí, Paulinho, como vai a vida? Já conseguiu a aprovação para o mestrado na França?

— Ainda não. Olho todos os dias a caixa do correio e o meu e-mail para ver se há alguma resposta da Sorbonne, mas não chega nunca.

— Larga essa merda de água de coco e vamos lá para o outro lado beber um chope, está muito quente — completou El Calvo.

A dupla atravessou a avenida e ficou de pé na fila de um restaurante na esquina da rua República do Peru com a Atlântica à espera de uma mesa. O garçom, que os conhecia, tratou de servir chope enquanto não vagava um lugar. Quando liberaram uma mesa El Calvo, se adiantando ao garçom, sentou-se e chamou o amigo, que fez sinal de negativo. Paulo era tabagista e o gerente não permitia que fumassem na parte interna do restaurante. Com um cigarro entre os dedos, o professor disse a El Calvo para voltar e aguardar na fila até que vagasse uma mesa do lado de fora.

— Porra, Paulinho, essa merda ainda vai te matar — disse El Calvo, que detestava cigarro.

— Não reclama, não, cara. Vamos beber, amanhã não dou aula.

— É, você não. Mas amanhã eu tenho de ir para aquela redação dar plantão e aturar aquele meu chefe filho da puta — disse ele, repórter do *Sentinela*, um popular jornal carioca.

— Por falar em jornal, quanto está a cotação do euro? Quero ir me informando porque a qualquer momento posso ser chamado para o mestrado.

— Ah, sei lá, pô! Tô mais preocupado com a “cotação” do chope, que está caro pra cacete!

Estavam lá há quatro chopes cada, quando uma jovem mulher, dona de um belo rosto com sardas e cabelo ruivo encaracolado, pintava paisagens em azulejos. Tentando vendê-los, ela parava diante das mesas e dizia que mostraria o seu trabalho “sem qualquer compromisso”. Passava tinta no dedo e o deslizava sobre a superfície, dando forma a belos quadros, com árvores, córregos, cercas e casas. A garota carregava uma pesada sacola a tiracolo com muitos azulejos e precisava vendê-los para sustentar a filha e pagar o aluguel da casa onde morava, em Botafogo. Sensibilizados com a história, mas principalmente com a arte, os clientes compravam as pinturas. Quando ela começou a se aproximar de Paulo Bandeira e de El Calvo para a abordagem, o garçom os chamou para uma mesa que vagou naquele mesmo instante. Os dois sentaram e fizeram sinal para a artista, que sorriu e caminhou na direção deles.

Paulo, 35 anos, 1,80m, falava quatro idiomas. Olhos castanhos, a barba por fazer e o cabelo quase sempre desgrehado lhe davam um aspecto charmoso. Solteiro, mantinha uma “amizade colorida” com Moema, que conhecera havia alguns anos. Ele lecionava história numa das melhores universidades do Rio de Janeiro e era dono de uma invejável retórica. Morava sozinho numa bela casa que herdara dos pais, mortos em setembro de 2001 nos atentados ao World Trade Center, em Nova York. E este era um assunto que ele fazia questão de não comentar. Em casa tinha como companhia dona Eulália, uma espécie de governanta. Já Sérgio Montenegro, o El Calvo, era mais baixo, um pouco mais velho e formara-se jornalista.

Não menos intelectual do que Paulo Bandeira, usava óculos e, nos dias de sol muito escaldante, precisava de boné para proteger a careca. Casado há uma década, tentava levar vida de solteiro.

Eles convidaram Renata, a pintora de azulejos, para sentar-se à mesa. A moça retirou da bolsa um azulejo e uma aquarela. O professor vestia apenas bermuda e camiseta e carregava uma sacolinha de pano com os documentos e o maço de cigarros. Ao colocá-la sobre a mesa, Renata, sem pedir, pegou um cigarro e acendeu. El Calvo balançou a mão na frente do próprio rosto para espantar a fumaça que fora diretamente em seu nariz. Paulo também aproveitou para acender um e pediu mais uma rodada de chope, enquanto Renata pintava. Professor e jornalista olhavam, admirados, o desenho ganhando forma de paisagem nos traços feitos pela moça. El Calvo, despejando conhecimento para cima dela, contava ter entrevistado vários músicos famosos e conhecido o mundo a trabalho. Renata, porém, estava mais concentrada no que fazia do que nas histórias do jornalista. E a cada “pincelada” sobre o azulejo, Paulo fazia muitos elogios ao trabalho dela. Em minutos ela terminou e aplicou um spray de verniz sobre a pintura, dando brilho ao desenho. El Calvo, na tentativa de ganhar pontos, pagou pelo quadrinho e de “quebra” deixou o troco.

— Você pode pendurar na parede da sua casa — disse ela para o jornalista.

— Ficou tão lindo quanto você, Renata — replicou El Calvo.

— Realmente está lindo, garota — constatou Paulo.

— E você, aí, pão-duro, não vai ajudar a moça? — emendou El Calvo às gargalhadas.

Paulo Bandeira acenou para o garçom pedindo mais chope. Renata pediu gim tônica e disse que pagaria pela bebida. O calor só não era mais insuportável porque, às vezes, uma leve brisa soprava do mar, dando um pouco de frescor ao ambiente. Durante a conversa, o professor contou para Renata que estava tentando conseguir uma bolsa para fazer mestrado na França.

Paulo, quando adolescente, foi de férias à Cidade Luz, na companhia dos seus pais. Lá, se apaixonou pelo idioma e pela capital francesa. Sonhava um dia morar em Paris e queria muito a bolsa de estudos. Ele se lembrava bem daqueles momentos divertidos que tivera com a família. Esteve no Louvre, passeou pela Galeries Lafayette e fez compras no tradicional mercado da Rue Montorgueil. Mas o que mais o fascinou durante a viagem foi a festa comemorativa pela Queda da Bastilha, no dia 14 de julho. Centenas de milhares de pessoas passeavam pelas ruas numa euforia que ele jamais vira. Os soldados com fardamento de gala que guardavam o Arco do Triunfo ficaram na memória de Paulo. No entanto, o que mais o encantou foram os velhinhos vestidos em roupas civis, com boinas e medalhas enfeitando os surrados paletós: aqueles homens eram ex-combatentes da Resistência Francesa e lutaram contra a ocupação nazista na França durante a Segunda Guerra Mundial.

Com brilho nos olhos, Paulo relatava a viagem para Renata e El Calvo. Ele até parecia estar numa sala de aula ensinando

aos alunos que o ouviam atentamente. Ao término da história, Renata, encantada com a “aula”, pegou o maior azulejo que tinha na bolsa e o pintou com mais dedicação do que costumava fazer. Deslizando suavemente os dedos sobre a peça, desenhou um casal e uma criança aos pés da Torre Eiffel numa espécie de comemoração em família. A mistura de tintas e o spray de verniz deram a impressão de uma iluminação especial sobre a obra. El Calvo, parecendo sentir um pouco de ciúme, olhou para a garota e perguntou:

— Bem, esse aí vai ser mais caro do que o meu, né? Olha o tamanho dele!

— Paulinho, este quadro é um pedacinho da sua história ao lado dos seus pais — disse Renata, entregando o azulejo para o professor.

— Quanto pago?

— É um presente. E vou pendurá-lo na parede da sua casa — disse ela se insinuando para o professor.

Paulo, num primeiro momento, não quis aceitar de graça porque Renata contara que os vendia para sustentar a filha e pagar o aluguel. Ele tentou pagar, pegou o dinheiro, mas, diante da insistência dela, acabou aceitando como presente. O professor pediu mais chope, outro gim tônica para ela e filé acebolado de tira-gosto. Olhando para El Calvo, Paulo disse que a garota era convidada e que não pagaria a conta. Logo em seguida, foi ao banheiro. Renata e El Calvo, um olhando para o outro, ficaram mudos por alguns instantes. O jornalista pediu licença e se levantou para ir atrás do amigo.

✉ 1970marlos@gmail.com

📘 marlos.bittencourt

Livros iluminam

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em abril de 2020.
